

Ensaio



Celeste Afonso,
coordenadora da
candidatura de Leiria
a cidade criativa da
Unesco

FRAGMENTOS num percurso Bajouca/Óbidos

■ No dia 5 de Junho terminou a residência artística na Bajouca. Foi um mês e meio de partilha e de construção.

Reinata Sadimba, o nome maior da cerâmica moçambicana, e Merina Amade vieram para a Bajouca dar e receber. Durante um mês e meio, todos os caminhos iam dar à Bajouca: colecionadores, galeristas e artesãos, motivados pela possibilidade de conhecerem a Reinata Sadimba e de adquirirem algumas peças, rumaram à Bajouca e encantaram-se com a Vila, com os oleiros e artesãos e com as pessoas.

Também eu rumei várias vezes à Bajouca: pela gente bonita que ali conheci, pelo barro, pelas peças que diariamente saíam das mãos daquelas artistas, pelo deslumbramento da roda da Cêu Pedrosa e, sobretudo, pelo encontro, pelo privilégio de me dar e de receber em mim cada uma daquelas pessoas.

Cada viagem de regresso era um turbilhão de pensamentos, de emoções, de urgência de fazer acontecer.

O mês de Maio fica na minha estória como o mês em que conheci Reinata, a Rainha.

Reinata é uma mulher especial: um ser humano cheio de Luz, uma artista ímpar, uma mulher que, sem se dar conta, lutou pela igualdade e emancipação da Mulher africana. Mas é, sobretudo, uma mulher atemporal (ou trans-temporal). Estarmos com ela, observá-la a moldar o barro, comovermo-nos com as estórias que saem das suas mãos é experimentar o "Agora no qual penetram estilhaços messiânicos", de Walter Benjamin.

Durante o mês de Maio, estas viagens Bajouca/Óbidos levaram-me a Santo Agostinho, Jacques Rancière, Walter Benjamin, Georges Didi-Huberman, Giorgio Agamben e à noção de Tempo, à trans-temporalidade, e terminavam invariavelmente no artesanato.

A Trans-temporalidade é uma condição inerente ao pensamento e à experiência humana.

Estes autores, entre outros, desconstruíram uma apreensão cronológica e sequencial do tempo - a visão modernista de Hegel enquanto ideia de história como narrativa - reconfigurando-a e complexificando-a nas dimensões do anacronismo, da memória e da História. A Trans-temporalidade surge como uma associação de temporalidades contraditórias e intermitentes, pois entrecruzam anacronicamente o passado, o presente e o futuro.

REINATA.

Aquela peça é, para mim, a representação da imagem dialéctica de W. Benjamin.

Em Benjamin, o que determina o Agora (*Jetztzeit*) é o que ele define como "imagem dialéctica", uma imagem da recordação onde o passado se liberta; um meio para o tempo se tornar visível e a História legível.

E da imagem dialéctica vou à rememoração. Partindo de um acontecimento, as comemorações cíclicas (como são exemplo as *Maías* ou as procissões do *Corpo de Deus*) congregam o passado e o presente. Rememorar não é museologizar a memória, mas reanimá-la e relacioná-la no presente com diferentes séculos e milénios.

Em cada peça da Reinata, reconheço o resgate e inscrição do passado esquecido, mas que ficou em aberto, incompleto.

E, naquela peça da Reinata, reconheço também o *Anacronismo*, de Jacques Rancière. Esta é a imagem da eternidade, do verdadeiro, do tempo como advento de uma totalidade. Os gestos da Reinata são anacronias, múltiplas linhas temporais que se formam num só tempo, permitindo uma intersecção e convergência de tempos.



Reinata Sadimba, o nome maior da cerâmica moçambicana, e Merina Amade vieram para a Bajouca dar e receber

Reinata é a personificação do *Contemporâneo*, de Giorgio Agamben: ser contemporâneo é pertencer verdadeiramente ao seu tempo sem coincidir perfeitamente com ele, sem estar adequado às suas pretensões e sendo, nesse sentido, inactual; mas, exactamente por isso, através desse anacronismo, ser capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. Ser contemporâneo é manter fixo o olhar no seu tempo para nele perceber a obscuridade - e não as luzes.

E a outra peça que a Reinata terminou hoje leva-me a Didi-Huberman: num mesmo objecto histórico existem

múltiplos tempos que interagem através de embates, fusões e divisões. A heterogeneidade temporal daquela peça está ligada a um passado que é um mais-que-passado e que se abre à pluralidade temporal e dá acesso a permanências, durações e estruturas mnésicas que chegam ao presente para que este seja mais-do-que-presente, inscrevendo um Agora pleno de reminiscências.

Aquela peça é, em si e na sua essência, anacrónica, mnemónica, atemporal, eterna.

Aquela peça condensa em si todas as camadas da memória involuntária da humanidade.

E penso no bordado de Castelo Branco, nos figurados de Estremoz e de Barcelos, no barro preto de Bisalhães, nas rendas de bilros, nas mantas de Mínde, na cestaria, no ferro forjado e na latoaria... e em Walter Benjamin! Segundo ele, o passado não deve ser salvo do esquecimento, mas de uma certa forma de o transmitir: aquela forma que o considera uma "herança", imobilizada num culto, onde se investem mil cuidados para não interromper a tradição. E isto é mais nefasto do que poderia ser o seu desaparecimento.

Ocorre-me Richard Sennett e o seu *The Craftsman* e apetece-me estabelecer a relação com o artesanato e o *folk lore* em Portugal, mas a viagem, por hoje, terminou. Cheguei a casa.

Fica para outro dia.

(P.S. a reflexão sobre o artesanato e o PCI - continuação desta Viagem - acabou por acontecer no Pretúdio de Ideias da Nazaré, promovido pela Rede Cultura 2027)